

Observatório Empresarial

Preços e Expectativas - Roberta Montello Amaral

Publicado no Jornal O Diário de Teresópolis em 06 de agosto de 2015

Outro dia um amigo me perguntou o motivo de a inflação não estar dando sinais de que está caindo. Ele é uma pessoa muito inteligente, mestrando em economia e, como qualquer ser humano que é apresentado aos fundamentos de economia, não entende como os preços continuam a subir. Hoje espero ajudar a ele e aos meus leitores a entender o que acontece.

Quando aprendemos macroeconomia descobrimos que os preços representam um equilíbrio entre oferta e demanda. Quanto maior a oferta, mantida uma certa demanda, menor o preço de equilíbrio. Diz-se, neste caso, que o preço responde negativamente a aumentos da oferta. Em relação à demanda, por sua vez, os preços respondem positivamente a acréscimos: quanto maior a demanda, dada uma certa produção, maior será o preço. É uma questão de procura e oferta: já reparou que, no final da feira (a famosa xepa), os preços tendem a cair? É que a demanda é relativamente baixa e os feirantes preferem vender tudo por um preço menor a voltar para casa com alimentos perecíveis.

Bom, a dúvida do meu amigo (e talvez a sua também) é a seguinte: se as pessoas pisaram no freio do consumo (isso é fato, o consumo diminuiu bastante desde o Natal), porque então os preços (especialmente dos alimentos) ainda não parecem estar respondendo com uma queda? O primeiro passo para responder a esta pergunta é verificar se, de fato, os preços não estão caindo; uma pista é olhar seu comportamento. A inflação medida pelo IPC-FESO (Índice de Preços ao Consumidor de Teresópolis), no mês de julho de 2015 apresentou um acréscimo de 3,11%, sendo o presunto o item com maior acréscimo do mês (seu quilo chegou a R\$ 23,85 em um dos pontos de coleta de preços). O tomate, vilão do primeiro semestre, voltou a sofrer elevação em relação a junho, mas seu custo de R\$ 3,86/Kg é praticamente a metade do apurado em maio. Outro indicador é o preço da cesta básica. Medida em Teresópolis através do IPC/CB-FESO, atualmente custa pouco mais de R\$ 350,00 e, apesar de apresentar queda em relação a junho, sua variação acumulada em 2015 já é de 8,0%. Conclusão: os preços, de fato, continuam subindo, apesar da suavização da atividade produtiva, da queda na demanda e de uma resposta mais cautelosa da população em relação aos seus gastos. Então será que estamos vivendo uma situação que contradiz os fundamentos da economia?

A resposta é “não”. O que está acontecendo é que pensar que os preços são resultado apenas do encontro de oferta e demanda é simplório. Os preços, já se sabe desde a década de 60, também são resultado do que nós economistas chamamos de “expectativas racionais”. Sei que buscar explicações no site ‘Wikipedia’ não é o mais indicado, mas neste caso o autor do artigo sobre o assunto foi bastante feliz: “Se baseia na hipótese de que os agentes econômicos utilizam toda a informação disponível sobre o atual comportamento e as previsões para o futuro da economia. Com base na experiência e nessas informações, os agentes antecipam de forma racional as atitudes e políticas futuras do governo, reagindo no presente em consonância com as expectativas formadas e anulando em algum grau a efetividade dessas políticas”.

Sendo assim, de acordo com a minha opinião, meu caro amigo, é que os preços atuais refletem uma incerteza com relação ao futuro. São um espelho, uma antecipação do que os empresários estão antevendo. Enquanto a sociedade não enxergar uma possível melhora no futuro, tudo continuará desta forma. Então, mais uma vez, reforço o conselho dos últimos meses: cautela, cautela e, por fim, um pouquinho mais de cautela!

* *Roberta Montello Amaral* é economista, doutora em Engenharia de Produção e professora dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do UNIFESO. E-mail: ramaral@unifeso.edu.br.